

PAÍS GASTA MENOS DE 1% DO PIB COM PESQUISA E DESENVOLVIMENTO, O QUE COMPROMETE A COMPETITIVIDADE

# TECNOLOGIA É A CHAVE PARA SUSTENTAR O CRESCIMENTO

EDNA SIMÃO E  
LUCIANO PIRES  
DA EQUIPE DO CORREIO

O novo Brasil que emerge das estatísticas — inflação sob controle, juros menores, equilíbrio fiscal e diminuição das vulnerabilidades externas — depende cada vez mais do aumento da produtividade para atingir as tão sonhadas taxas asiáticas de crescimento econômico. Um dos caminhos para expansão na casa dos dois dígitos é ampliar os investimentos em pesquisa e inovação tecnológica. Só assim será possível melhorar a eficiência utilizando o mesmo capital financeiro e humano. Atualmente, o país desembolsa apenas 0,9% do Produto Interno Bruto (PIB), soma de todas as riquezas do país, com pesquisa e desenvolvimento. Além de o recurso ser insuficiente, e baixo em relação a economias semelhantes, o Brasil ainda tem a tarefa de conseguir elevar o número de profissionais com doutorado no setor privado.

Um estudo do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco, com base em números da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), mostra que, em relação aos latinos, o Brasil está até bem posicionado. Porém, quando é confrontado com o que fazem os países da OCDE, o desempenho nacional é desanimador. "Os números mostram que estamos praticamente estacionados, enquanto diversas nações apresentam taxas elevadas de crescimento", informa o estudo.

A China, que atualmente destina 1,3% do PIB para pesquisa e desenvolvimento, pretende ampliar esse número para 2% em 2010 e 2,5% em 2020. Para atingirem essas metas, os investimentos na área devem registrar taxas de expansão entre 10% e 15% ao ano. No Brasil, o governo se esforça para elevar os investimentos de 0,9% para 1,5% do PIB em 2010 — valor considerado baixo para garantir o aumento da competitividade da economia brasileira a médio e longo prazos.

O presidente da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), Silvio Crestana, destaca que, quando se trata de inovação, os investimentos sempre são insuficientes. "A ciência no Brasil é muito nova, só temos 40 anos nisso. A ficha caiu só recentemente. Há uma grande evolução do ponto de vista de formação de recursos humanos. Hoje, formamos gente de alto nível, cerca de 10 mil doutores por ano. Houve avanços também no número de publicações. Melhoramos um pouco, apesar de ainda ser pequeno o número de patentes", pondera Crestana.

O capital humano é considerado um dos principais componentes para o desenvolvimento econômico. O Brasil leva vantagem no que diz respeito a profissionais graduados em doutorado. Registra, conforme dados da OCDE, o maior número em relação aos BRICs (sigla que faz referência à Brasil, Rússia, Índia e China). Em 2004, 35.742 brasileiros receberam grau de doutor. O problema, no entanto, é que apenas 26% deles trabalham na iniciativa privada — o pior índice en-

tre os BRICs. "Ter uma posição melhor no cenário internacional depende da ampliação dos esforços no desenvolvimento de conhecimento com o objetivo de expandir a produtividade e a competitividade das firmas brasileiras", reforça o estudo do Bradesco.

#### Ameaça

Em 2007, o Brasil caiu seis posições no ranking mundial de competitividade do Fórum Econômico Mundial, passando do 66º para 72º lugar. Os Estados Unidos lideram a lista entre os 131 países pesquisados. Para mudar esse quadro, alertam os especialistas, é essencial investir em educação e adotar medidas para reduzir a burocracia. Além disso, melhorar o marco regulatório e implementar reformas como a tributária e a trabalhista também são apontadas como fundamentais.

O professor Carlos Arruda, diretor de desenvolvimento da Fundação Dom Cabral e coordenador da pesquisa do Fórum Econômico Mundial no Brasil — que divulga todos os anos um ranking das nações mais competitivas —, destaca que o país tem capacidade acadêmica. O desafio é levar esses profissionais para o setor produtivo. Para isso, tanto o governo como as empresas precisam acordar para o fato de que investir em conhecimento é passo inicial para o crescimento de qualquer país. "O problema é que inovação pressupõe investir em incerteza. Hoje, as empresas querem aproveitar da expansão econômica mundial. O Brasil só está surfando no crescimento do planeta. Mas é preciso investir no futuro", ressalta.

O analista lembra que em países como Estados Unidos, Itália e China a cada US\$ 1 aplicado em inovação, basicamente nas universidades, o setor produtivo entra com US\$ 2. No Brasil, a situação é inversa. Para cada US\$ 1 aplicado pelo governo, as empresas investem apenas US\$ 0,50. "É essencial que o setor privado acompanhe os investimentos públicos", justifica.

#### Maior produtividade

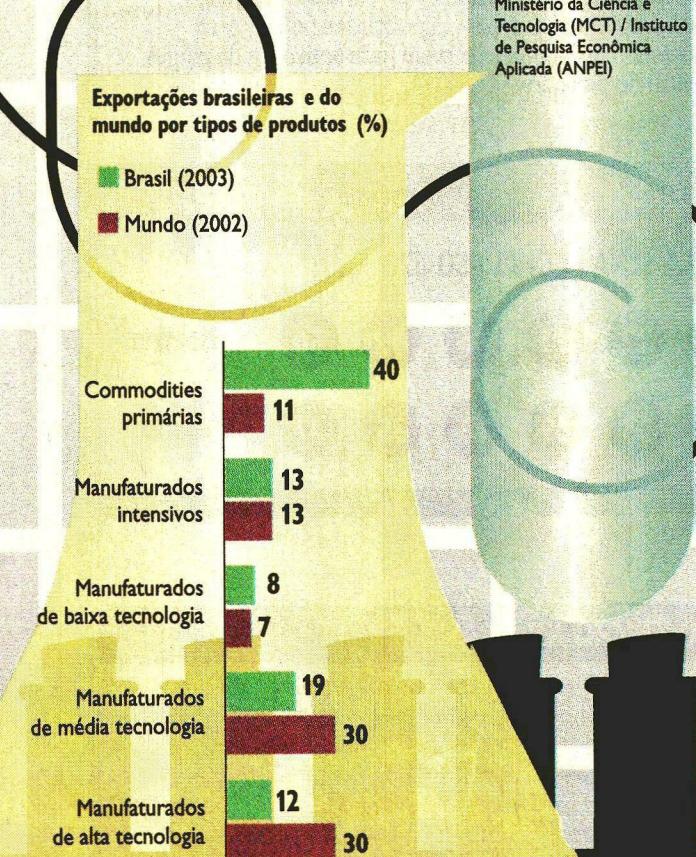
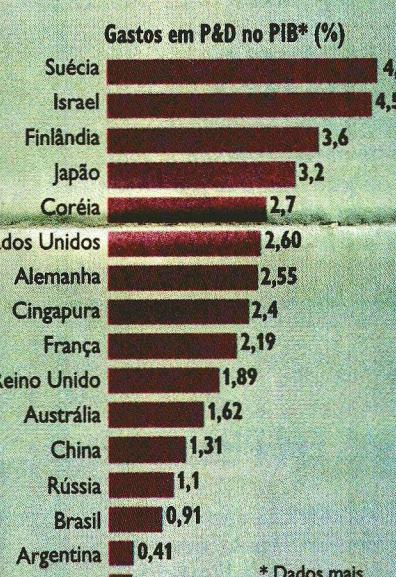
O pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) João Alberto De Negri ressalta que, a partir da década de 90, com a

abertura da economia brasileira, houve uma mudança na visão do empresariado a respeito da inserção de seus produtos em outros países e do aumento da produtividade. As companhias que inovam respondem por 25% do faturamento de toda a indústria brasileira. Por agregar valor, conseguem 30% a mais no preço dos serviços e produtos exportados e, com isso, pagam salários 23% maior do que as companhias que não inovam. Os profissionais dessas empresas têm 15% a mais de escolaridade.

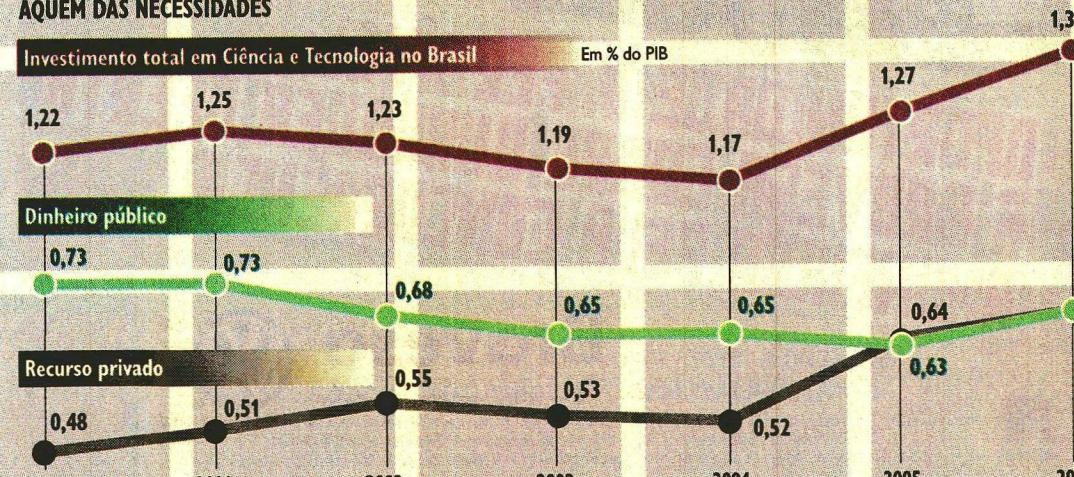
A elevação dos investimentos em inovação nas empresas, no entanto, está diretamente ligada à isenção fiscal para a pesquisa e desenvolvimento de tecnologia, maior articulação entre empresas e universidade e financiamento a taxa de juro zero. "O crescimento da economia brasileira depende do conhecimento. Se quisermos crescer 5% ou 6% ao ano, teremos que investir nessa área", avverte o pesquisador. Na avaliação de João Alberto De Negri, a expansão de 5,7% do PIB no terceiro trimestre deste ano tende a perder a força se os recursos destinados à pesquisa não aumentarem.

#### LONGE DOS GRANDES

Enquanto muitas economias aceleram os investimentos em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), Brasil se mostra praticamente estagnado. Governo quer ampliar os gastos para 1,5% do PIB até 2010



#### AQUÉM DAS NECESSIDADES



#### Eficiência duvidosa

Brasil forma mais doutores que Rússia, Índia e China. Mas taxa de aproveitamento desses profissionais pela iniciativa privada é a menor entre os BRICs

	Gastos em P&D (% do PIB)	Graduados doutores	Percentual de pesquisadores no mercado
Índia	0,7	13.733	30
Brasil	0,9	35.742	25
Rússia	1,1	32.184	51
China	1,3	23.446	62
OCDE	2,3	178.602	64

Amaro Junior/CB